

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



PEDRON, Denise. Arte e trabalho como processos criativos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - Teatro Universitário; Professora EBTT. Performer.

RESUMO

Até que ponto a arte e o trabalho se inscrevem como instâncias definidoras do modo de ser do sujeito no mundo? A arte e o trabalho podem ser entendidos como objetos transformacionais, através dos quais o sujeito transformando a si mesmo é capaz de transformar a realidade em que se insere? A partir do conceito de "viver criativo" do psicanalista Donald Winnicott, e das impressões e memórias da experiência vivenciada na performance Jornada de Trabalho (realizada em outubro de 2012 no Jardim de Pedras da Escola de Belas Artes da UFMG) esse artigo pretende refletir sobre a vivência da arte e do trabalho como processos criativos.

Palavras chave: arte, performance, trabalho, processos criativos.

ABSTRACT

In which extent art and work can be registered as defining instances of the mode of being of the individual in the world? Can art and work be understood as transformational objects, through which the individual transforming itself is able to transform the reality he operates? Taking into consideration the concept of "creative living" developed by the psychoanalyst Donald Winnicott, and also the impressions and memories of the performance Workday (held in October 2012 in the Stone's Garden of the School of Fine Arts of UFMG), this article aims to reflect on the experiences of art and work as creative processes.

Keywords: art, performance, work, creative processes.

*“Sou um trabalhador sou sim,
Eu tenho uma alma que deseja e sonha
Deseja e sonha.”*

Mundo Livre S/A

Esse artigo¹ parte de uma proposta de performance, realizada em outubro de 2012, num espaço conhecido como Jardim de Pedras, que fica nos fundos da Escola de Belas Artes e na frente do Teatro Universitário, no campus da UFMG, escola onde leciono e atualmente sou vice-diretora. A performance por mim realizada teve duração de 8 horas e partiu de uma série de questionamentos meus como artista e professora de uma escola técnica de Artes Dramáticas de uma universidade federal do Brasil.

O que é trabalhar na universidade? O quanto a burocracia universitária funciona como máquina trituradora de singularidades? De quanto tempo deve ser a jornada de trabalho, 6, 7, 8 horas? Que tipo de realização profissional pode acontecer nesse espaço de trabalho? É possível integrar a criatividade na vida profissional? É possível trabalhar com prazer?

Ao considerarmos que “a integração da criatividade na vida profissional implica a possibilidade de mergulho na própria subjetividade” (ANCONA-LOPEZ (2010:37), torna-se inevitável fazer ainda mais um questionamento: será então por essa razão que determinados indivíduos preferem realizar trabalhos exclusivamente impessoais e burocráticos? Porque isso talvez os permita evitar esse mergulho subjetivo que a criatividade parece implicar? Mergulhar na própria subjetividade é ir de encontro ao que se é. E colocar-se disponível para ir de encontro ao que se é pressupõe a admissão de um não saber, de um lugar de desconhecimento do ser em relação a ele mesmo, uma zona de incerteza; uma abertura para o mundo; uma disposição para o desenvolvimento de gestos que não se alienem em si mesmos, nem se transformem em meros automatismos cotidianos.

A maneira como o sujeito se percebe, o modo como ele percebe e considera o outro, são fatores que interferem diretamente em suas vivências no trabalho. Se considerarmos que a revelação do mundo se dá ao sujeito pela sua própria experiência perceptiva, como pontua Merleau-Ponty (2006), talvez possamos dizer que a experiência do trabalho precisa se afastar da mera dimensão funcional e se aproximar da instância do contato, para então ser considerada uma experiência potencialmente criativa. A experiência criativa envolve as relações e percepções do eu e não apenas requisitos técnicos.

Quando um trabalhador é tratado apenas como receptor de ordens, e não como um receptor ativo, consciente, desconsidera-se qualquer possibilidade criativa de expressão do sujeito, que tratado como organismo objetificado, sem capacidade de produção de significação própria para seus atos é tomado apenas como executor de tarefas. Entendemos que a consideração do sujeito consciente passa pela aprendizagem e pelo exercício de outras lógicas de relação interpessoal – lógicas afetivas – que valorizem o sujeito em história,

1 Dedico esse artigo à memória de Renato Cohen, que, em 2001, me ensinou a começar a ser em performance.

suas capacidades, e também seu potencial de proposição de mudanças para a realidade em que se insere.

Se na esteira das fundamentações básicas da teoria psicanalítica, tomamos como premissa que o sujeito só se constitui na sua relação com o outro, uma vez que “não é pura interioridade, mas saída de si para um mundo que tem uma significação para ele.” (FORGUIERE, 1993:15), resta-nos especular, então, sobre as maneiras pelas quais o mundo adquire significação para o sujeito. Os processos de produção social do real, de narração e invenção do mundo pelos sujeitos, os possibilitam vivenciar o trabalho como exercício de singularidades, de modo a daí emergir um lugar de subjetivação?

No campo demarcado da agenda de compromissos, reuniões e prazos a cumprir será possível a (re) criação de um presente que comporte a experimentação, a processualidade, a transformação a abertura à multiplicidades? Pode o trabalho ser significativo a ponto de se tornar um acontecimento?

Se no pensamento de Deleuze e Guatarri, a subjetividade torna-se, na economia contemporânea, uma força produtiva, resta saber se o trabalho pode alcançar o lugar de uma produção desejante, um vetor de subjetivação, uma vontade de potência produtiva fora do lugar da tirania, do mando incondicional, ou da reação automática à demanda do simples cumprimento de tarefas. Há no lugar de trabalho espaço para o desejo?

No contexto da arte contemporânea, a performance, ou mesmo o teatro performativo, estreita a relação entre o fazer artístico e o lugar sócio-histórico-político que o sujeito (artista) ocupa, evidenciando seu desejo e sua potência de atuação no mundo, na construção do tempo em que vive e da realidade que o cerca. Como práticas de ação na cultura, as performances apontam para a dispersão e ampliação dos centros de saber, abrindo novas possibilidades de percepção de mundo e construção de sentido.

Instalo-me no jardim. Confundo-me com a paisagem. As pessoas transitam ao meu redor. Transformo-me em objeto a ser observado. Quando o espaço e a arquitetura prevalecem sobre minhas ações, ignora-se minha presença.

Coloco-me em trabalho. Tenho como objetos relacionais um edredom azul estampado com nuvens brancas, que me serve de tapete; meus livros, alguns deles – o suficiente para servir de referência na produção desse artigo; uma jarra com água, também azul; um copo, dessa vez transparente; duas canetas e um par de chinelos para os momentos de ir ao banheiro.

“É uma estátua ou uma moça de verdade?” Sorrio diante da pergunta que me considera. Existo na paisagem de madeira, pedra, ferro e bromélias. Estou exposta. A céu aberto. O momento presente. A imobilidade.

A performance é um nada que acontece, um vazio que se instala. Um silêncio. Encaro o silêncio na jornada. Estou em trabalho. Estudo para ser. Para

estar/ser em trabalho é preciso silêncio. Como passa o tempo no silêncio?
Arrasta? Corre? Se desfaz?

Uma mulher de óculos passa e lê a proposta.

Performance: EM TRABALHO - estudo para ser.

A performance duracional da artista Denise Pedron parte das seguintes questões: até que ponto a arte e o trabalho se inscrevem como instâncias definidoras do modo de ser do sujeito no mundo? As experiências na arte e no trabalho podem ser vivenciadas como processos criativos?

Início: 10:00h

Término: 17:00h

Sua falta de reação me tenciona internamente. O desafio de comunicar sem palavras, sem cena, apenas na presença corre maior risco de fracasso? Ou será que o lançar mão na criação artística do lugar da representação, via palavra, via cena, serve apenas para deixar o artista confortável ao criar uma ilusão comunicacional que pode também não se efetivar? É ilusório pensar que existam garantias de comunicação mesmo entre falantes da mesma língua.

Vem o fotógrafo. Captura minha imagem. O que ela se torna nesse momento? Começo a existir para o mundo? Como o ser se faz imagem? O que uma foto captura? Estou escrevendo, nesse momento. Tento continuar. Tento não modificar minhas ações por ser minha imagem alvo de captura daquelas lentes-câmera-olho, e ao mesmo tempo exatamente por essa razão, tendo sutilmente a modificá-las.

Agamben afirma que o homem medieval designava a *species intentio*, ou seja, considerava a aparência (visão), intenção. A *intentio*, segundo o autor, “designa a tensão interna (*intus tensio*) de cada ser que o impele de fazer imagem, a se comunicar” (AGAMBEN, 2007:16). Pensando a partir dessa perspectiva, podemos aventar a hipótese de que se a obra do artista é a imagem que ele produz no afã de comunicar-se, então esse mesmo artista deve estar preparado para conviver com o estado de tensão interna presente no processo criativo. Ao colocar meu corpo em trabalho no espaço, ao me dar a ver, ao tornar-me elemento daquela paisagem não mais cotidiana pela invasão da minha presença, comunico-me efetivamente?

A experiência se instala como impasse.

Criar é estar diante do abismo, do incerto, do não premeditado. E se assim é, criar pressupõe a convivência íntima com uma “zona de não conhecimento” (AGAMBEN, 2007:17) Ainda mais na performance, em que, muitas vezes, o processo criativo coincide com a própria criação, com a realização da ação artística. A obra é, então, o processo de criá-la. Na medida em que se coloca em processo criativo, ou em performance, o artista deixa de lado “a pretensão do Eu de bastar-se a si mesmo”(AGAMBEN, 2007:17) e acolhe a incerteza.

E na medida em que acolhe a incerteza e busca construir um devir criativo na arte ou no trabalho, ao invés de se ver (e ser visto pelo outro) como “uma pessoa com uma história”, o sujeito passa a se considerar uma “pessoa em história”. (SAFRA, 2004:72).

Não sei o que fazer. Resolvo andar em círculos para espantar ou simbolizar minha falta de perspectiva para realização de ações, criando paradoxalmente, nesse mesmo momento, uma ação. Dando voltas em torno de si mesmo, o cachorro corre atrás do rabo; dando voltas em torno de meu campo de atuação, encontro uma respiração, experimento um corpo, um andar. Depois de muito andar em círculos – retorno à questão: Até que ponto a arte se inscreve como instância definidora dos modos de ser do sujeito no mundo?

Se o ato de criação como sugere Agamben (2007:19), contém em seu centro um *ato de descrição*, o sujeito poderá vivenciar a arte (e o trabalho) como processo criativo apenas quando construir um lugar de aceitação do impasse (da incerteza), não como algo intransponível e irremediável, mas como resíduo de uma presença inquietante que não se pode definitivamente varrer para baixo do tapete e para a qual é preciso olhar de frente. Para que isso aconteça, o que preside as relações nesses espaços, do trabalho e também da arte, precisa estar longe das formas hegemônicas de interação entre os sujeitos e perto de um movimento que se rearranja a todo tempo, sem findar.

E é nesse espaço potencial (WINNICOTT, 1975) da experiência criativa, que podemos exercer de maneira legítima, considerando desejos e sonhos, nossos modos de ser, na arte, no trabalho, e na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ANCONA-LOPEZ, M. **Fenomenologia e pesquisa em ciências humanas**. Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia, São Paulo, v. II, n.4, p. 35-42, 1997.

FORGUIERI, Y. C. **Aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática**. São Paulo: Thomson, 2007.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 2004.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29 outubro 2013
UFMG - Belo Horizonte



WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.